

NOTA DE IMPRENSA



Gerald Petit

Funny (how I've stopped lovin' you)

1 Fevereiro - 10 Março, 2007

Inauguração da galeria e da exposição a 1 de Fevereiro:

18h-21h Pre-inauguração para a Imprensa

21h Inauguração

O artista estará presente

2007, impressão digital sobre papel, 140x105 cm

Caroline Pagès Gallery (novo espaço)

Rua Tenente Ferreira Durão, 12 – 1º Dto.

[Campo de Ourique]

1350-315 Lisboa

Tel. 21 387 33 76

Tm. 91 679 56 97

gallery@carolinepages.com

www.carolinepages.com

Horário: Aberto de 2ª a 4ª das 12h às 17h, 5ª e 6ª das 12h às 20h, Sábados das 15h às 20h e todos os dias por marcação.

A primeira exposição individual do artista francês luso-descendente Gerald Petit em Portugal será também a exposição inaugural de uma nova galeria – Caroline Pagès Gallery – dando uma nova cara ao projecto de Caroline Pagès no contexto da arte contemporânea nacional. A evolução deste projecto desde The Artroom, tanto em termos conceptuais como na proposta de um novo espaço, está claramente relacionada com o impulso que tenciona dar à visibilidade de artistas, que sejam emergentes ou consagrados, nacionais ou internacionais, com particular relevo para o intercâmbio de contactos artísticos e a mobilidade dos artistas neste âmbito.

Funny (how I've stopped lovin' you) é o título de um projecto iniciado há precisamente 10 anos pelo artista Gerald Petit e reactivado recentemente por ocasião da descoberta de uma obra de James Coleman, *Clara and Dário* (1975). A reminiscência de uma lembrança, de uma narração, de um estado (neste caso o estado amoroso) informa as obras de esta exposição.

O título da exposição é tirado de uma canção de Nat King Cole (*Funny not much*), que opõe uma melodia romântica antiquada a um drama de amor, e funciona como um oxímoro, exactamente como *Nevermore*, *Out of nowhere* ou ainda *Les désirs négatifs*, títulos utilizados por Gerald Petit. Ele põe em perspectiva a anomalia entre a percepção da imagem e o seu significado, entre a exactidão da fotografia e o seu enigma, entre a referência convocada e a ressonância desta à imagem.

Na exposição, as hipóteses circulam entre as quatro salas, que oferecem diferentes pontos de vista através de fotografias, wall-paintings, pósteres e telas.

Esta exposição apresenta uma nova visão das obras recentes de Gerald Petit que estuda há anos todos os meios de criar imagens, da fotografia à pintura, passando pelo grafismo ou pelo rumor, para alargar a esfera dos procedimentos.

Os dispositivos das exposições elaboram as narrações contidas em cada imagem, criam ligações entre as obras, e essas cintilações permitem que o espectador organize as aventuras originadas por aqueles conjuntos influenciando a leitura das imagens carregadas de significações que ela, por, si só, não permite descortinar. Gerald Petit reporta-se muito ao princípio do "Composto" concebido por Le Bernin, que ligava a pintura, a escultura e a arquitectura num conjunto formando uma imagem, de acordo com o olhar que se pousa nela, apoiado na perspectiva.

De um modo geral, a preferência pela imediatez de um tempo específico que acaba, não obstante, por se prolongar na relação intensa com o mundo, produz, na pesquisa do artista, uma motivação perene. São momentos de reencontro com pessoas, locais, histórias, estórias que se movem numa construção quase sempre ficcionada da realidade, mas não só.

A imagem constitui uma base frutífera na indagação de uma relação entre um universo fictício e, por outro lado, o que nele se apresenta como indício de real. Essa também é a relevância do trabalho de Petit: reformular caracteres e conteúdos aproveitando a ambivalência que o cenário da ilusão tem ao seu dispor. O deslocamento do corpo, de gestos e de objectos relativamente ao espaço físico e temporal cria a imagem de um mundo paralelo que vive da realidade mas que decide jogar com outros artifícios.

Importa pensar na função representacional das imagens que capta, na quantidade de questões que cada uma delas coloca a convenções que a arte tem vindo a estabelecer ao longo dos tempos. No campo da pintura, a visão perspectivada assume uma linha clara de percepção que rompe com a padronização desta tipologia imagética. Na sua análise do trabalho de Gerald, o crítico de arte Pascal Beausse refere que "O enigma da identidade poderia juntar todas as imagens que produz", e sublinha na pesquisa do artista o imperioso olhar sobre os mistérios da identidade que as suas obras, aliás, vêm da melhor forma confirmar.

Em 2006, Gerald Petit participou nas exposições colectivas *Notre Histoire - une scène artistique française émergente* no Palais de Tokyo em Paris e *Supernova* no Domaine Pommery de Reims (comissário Judicaël Lavrador), à Tina B, a Bienal de Arte Contemporânea de Praga (comissário da exposição Pascal Beausse) assim como na Trienal de Echigo Tsumari no Japão (participou também no Hiroshima Art Document em 2003, e a seguir em 2004) e na Bienal da Luz de Lisboa, a Luzboa 2006.

Em Nova Iorque, Gerald Petit é representado pela galeria Lmak Projects; nesta cidade, ele participou em várias exposições colectivas nas galerias Yvon Lambert e Robert Mann.

Em França, expôs individualmente as suas obras no *Musée Nicephore Niepce* e na *Chapelle du Carmel* de Châlon-sur-Saône, no *Centre d'Art Contemporain* de Albi, no *Centre Culturel l'Atheneum* e na galeria *Interface* de Dijon assim como no *Centre Photographique* de Lectoure.

Obras suas fazem parte das colecções públicas francesas do *Fonds National d'Art Contemporain*, do *Fonds Régional d'Art Contemporain d'Alsace* e do *Musée Nicephore Niepce*, assim como de colecções particulares em França, nos Estados Unidos e na Alemanha.

Para informações e imagens s.f.f. contactar Caroline Pagès pelo 21 387 33 76 ou 91 679 56 97 ou para galler@carolinepages.com